REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 839

20 DE ABRIL DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO ANTONIO MARIA PEREIRA CARRILHO

CHRONICA OCCIDENTAL

Por aqui politica-se muito e fala-se apenas de finanças.

Na Belgica tem sido muito peor.

O rei Leopoldo, apenas de Biarritz chegado a Bruxellas, teve que dar toda a força ao automovel, porque lhe coube a desgraça de cahir em plena revolução.

Os ultimos telegrammas annunciam maior socego, mas negras e densas nuvens no horisonte. Completa tranquillidade *material* em todo o paiz. Aquella palavra que sublinhamos indica eloquentemente o estado dos espiritos.

Ha muitos mortos e feridos nos combates contra a gendarmeria. Só em Lessines, pequena villa, entre feridos e mortos se contaram oitenta pessoas.

E' de muitos milhares o numero dos grevistas em Charleroi.

Comparadas com as terriveis manifestações d'um povo, aliás costumado ao socego, quasi não são para archivar-se uma ou outra que entre nós o convenio excitou, mais desfavoravelmente commentada pelos jornaes de varias côres politicas.

O caso do apedrejamento do comboio em que vinha o sr. Carrilho tem feito suar a policia, que não descobrio por emquanto os criminosos.

O convenio continua sendo motivo para discussões, muito defendido por uns, muito atacado por outros, moderadamente pelos progressistas. Segundo a *Tarde* um par do reino, que milita n'este partido, chegára a dizer ao sr. Carrilho: «Que convenio negociaste tu, que, tendo eu necessidade politica de combatel-o, não encontro forma pratica de o fazer?

Politica e finanças!

Conhecemos-lhe a importancia, mas outros assumptos teem maior condão para interessar-nos.

O primeiro de todos n'estes ultimos dias foi a partida dos officiaes encarregados de occupar o Barué e cujos nomes desde já asseguram o bom resultado da jornada que vão intentar.

João de Azevedo Coutinho, nomeado governador da Zambezia, é dos officiaes de maior prestigio na nossa marinha, onde tantos vão honrando as velhas tradições gloriosas. Alguns veteranos o acompanham, em quem os novos hão de encontrar o melhor exemplo.

Outro facto importante que não devemos deixar de mencionar foi o bater do rebite na canhoneira *Patria*, actualmente em construcção no arsenal, e offerecida á marinha portugueza pelos nossos compatriotas do Brazil.

A ceremonia realisou-se na manhã do dia 17, sendo El-Rei D. Carlos quem deu as primeiras martelladas.

Vão os soldados portuguezes correr outra vez as charnecas d'Africa. Lembram-se os portuguezes a tantas leguas de distancia do que mais a patria necessita. Vale a pena citar estes factos e esquecer um pouco maiores miserias, como essas de que se faz estendal nos discursos sobre o convenio.

Finanças portuguezas! Bem teriam andado mandando um representante a procissão de Nossa Senhora da Saude, que, na passada quinta feira, deu o seu passeio do costume pelas ruas da cidade.

E' das mais bonitas procissões que se fazem em Lisboa e, como a saude é dom precioso, nunca á Senhora faltam devotos.

Lá foi á pequena ermida a familia real com excepção da Rainha Senhora D. Amelia, que se acha por emquanto em Sevilha, onde foi visitar sua mãe, a sr.ª Condessa de Paris.

Alterou o programma da sua estada na velha capital de Andaluzia a morte do velho rei Francisco de Assis, marido da Rainha Isabel e avô do actual rei de Hespanha D. Affonso XIII.

Não deixou na historia mais do que muitas anedotas.

Embóra longe, dá-nos entretanto a Rainha Senhora D. Amelia motivo a nova citação pelos seus desenhos expostos na Academia de S. Francisco, onde se realisou a segunda exposição promovida pela Sociedade Nacional de Bellas Artes.

Talvez os quadros sejam em numero inferior ao do anno passado, mas muitos d'elles, de Columbano, Salgado, Reis, Malhoa, e d'outros nossos melhores pintores, atrahem a attenção e tem sido justamente elogiados.

Lá vimos o Santo Antonio de Columbano com a honrosa marca da medalha d'oiro na exposição de Paris e que depois foi julgado perdido n'aquelle infeliz naufragio que levou para o fundo do mar tantas obras d'arte dos nossos melhores artistas e no grande certamen premiadas.

E' sempre com prazer que visitamos as salas da Academia e gostosamente comparamos as exposições actuaes com aquellas em que, por muita actividade de Alberto d'Oliveira, o grupo Leão começou a tornar-se conhecido.

Alguns faltam e dos melhores, falta Silva Porto, mas os artistas criaram novo animo, como puderam, tornando conhecidos seus nomes e concorrem sem se fazer rogados. Enchem quatro salas, quando antigamente n'uma só se achavam á larga.

Muito fez para isso a diligencia de Alberto d'Oliveira, agrupando os artistas, convencendo-os, superando difficuldades, não desanimando nunca, nem ante os contrarios, nem ante os indifferentes, que são peores com seu encolher d'hombros.

Os primeiros, que em Lisboa se reuniram para chamar sobre os artistas portuguezes a attenção do publico, lá estão quasi todos n'aquelle famoso quadro de Columbano á direita de quem entra, no Leão d'Oiro.

Já faltam muitos d'elles, já falta o Manuel, criado, um bom typo, que, á força de ouvir falar os artistas, já sabia metter em arte sua colherada, nem sempre a proposito.

E d'arte pouco mais temos a dizer, um ou outro concerto realisado, um ou outro que vai breve realisar-se. Mais nada

Em theatros poucas novidades.

No Colyseu continua agradando a companhia de que faz agora parte Nadine Bulicioff, que já foi muito applaudida em S. Carlos, quando aqui esteve ha onze annos.

No theatro D. Amelia estreiou-se a companhia de zarzuela que ali funccionará emquanto Rosas e Brazão estiverem no Porto. Um bocado de alegria no theatro,onde as comedias teem sempre maior vida que os dramas. O Nadal faz parte da companhia hespanhola e tanto bastaria para que o theatro se enchesse. A estreia promette fortuna aos emprezarios.

Taveira continua no theatro da Avenida, devendo mudar-se para a Trindade, quando Sousa Bastos chegar a Lisboa.

Os theatros dão sempre mais que falar do que os livros, mas d'esta vez não podemos deixar de nos referir á nova bibliotheca annunciada, cujos directores, serão Alvaro Pinheiro Chagas, herdeiro d'um grande nome, e Urbano de Castro, que não tanto a politica affastou da litteratura que não o tenhamos por um dos melhores nomes nas letras portuguezas. Sabemos que tencionam publicar muitos romances originaes, alguns em cadernetas, outros em volumes. Editores d'esta ordem não são facto vulgar em nenhum paiz do mundo.

Metteram-se em boa empresa e merecem que o publico os ajude e todos aquelles que desejam ver um pouco mais protegida e conhecida a litteratura portugueza

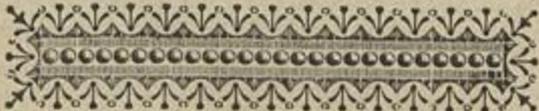
E escrevendo esta frase quasi iamos cahindo no primeiro assumpto em que tocámos:—finanças! Pois se é do que mais se fala, como não ha de o termo acudir nos sempre ao bicco da penna?

Já lhes lembrámos a Senhora da Saude; não haveria para elles algumas medidas hygienicas a tomar? Parece-nos bem que sim. E talvez não dessem logar ás mesmas manifestações com que os estudantes da Escola Polytechnica receberam a ordem dos escarradores.

O edital deve ter-se começado a cumprir um dia d'estes. As multas são terriveis. Os cuspinhadores, quer queiram, quer não, devem começar a ter tento na costumeira porca.

Lembra-nos aquella historia do homem que, em casa d'um amigo começou a cuspir para o chão. Este fez um signal ao criado, que lhe poz o escarrador ao lado. O outro repontou e mudou de logar. Cuspiu outra vez para o chão. Novo signal do dono da casa. O criado poz-lhe outra vez o escarrador ao lado. E o homem a repontar. Muda outra vez de logar, mais cuspo para o chão, outra piscadella d'olho, nova manobra do criado. E o homem furioso :

—Tire-me isso lá para longe. Estou aqui, estou a cuspir-lhe dentro!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO ANTONIO MARIA PEREIRA CARRILHO

Chegou ha pouco a Lisboa, tendo percorrido, em missão de maior difficuldade, as principaes capitaes da Europa.

O convenio, cujas bases discutiu com os credores estrangeiros, acha-se actualmente em discussão nas camaras.

Nenhum assumpto de maior importancia existe na actualidade para Portugal. Todos sabem como o nosso credito andava abalado, como um acordo com os credores se tornára absolutamente indispensavel. Fez-se finalmente, venceram-se as difficuldades, realisou-se com vantagens muito superiores ao que muitos vaticinavam, sem a clausula da administração estrangeira que repugnava a todos.

O alto valor do Conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho, por ninguem posto em duvida, mais uma vez se confirmou. A propria opposição reconhece, nos seus ataques, que a victoria foi grande, em muitos pontos superior ao que era de esperar-se.

O sr. Carrilho, funccionario publico dos mais notaveis antigo jornalista acreditadissimo em questões financeiras, luctou patrioticamente e venceu as maiores difficuldades, com as poucas armas de que dispunha contra luctadores temiveis.

Mais uma vez ficaram demonstradas suas altas faculdades.

SUAVE MILAGRE

Depois de representada no theatro de D. Maria II, sahiu agora em livro esta encantadora obra d'arte, architectada sobre um delicioso conto, inspirado nas eternas paginas da Biblia, por um artista do livro: Eça de Queiroz.

Ouro de bom quilate produziu obra de valor cinzelado por outro artista de talento, o Conde de Arnoso cujo peculio litterario de ha muito lhe deu logar d'honra entre os homens de lettras, e como se não bastasse, para que a obra fosse mais completa em seus primores, outro artista veio n'ella collaborar, Alberto d'Oliveira, com versos de mystica poesia que são um encanto :

«Homens, não cuideis só da vida e do celleiro
«Cuidae da salvação, cuidae da alma, primeiro!

Eça de Queiroz, escreveu :

SUAVE MILAGRE

«Entre Enganim e Cesares, n'um casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viuva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho unico, todo aleijado, passára do magro peito a que ella o creára, para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazêra, sete annos passados, mirrando e gemendo. Tambem a ella a doença a engelhára, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada.

E sobre ambos, espessamente a miseria creceu, como o bolor sobre cacos perdidos n'um ermo. Até na lampada de barro vermelho seccára havia muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão de côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro seccára a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava no portal. E só hervas apanhadas nas fendas das rochas, cosidas sem sal, nutriam aquellas creaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até ás aves maleficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãi amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou d'essa grande esperança dos tristes, esse Rabbi, que apparecera na Galiléa, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as creancinhas, e enxugava todos os prantos, e promettia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundancia maior que a Côrte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontrava!

O mendigo suspirou. Ah! esse doce Rabbi! quantos o desejavam, que se desesperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judéa como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se gosa; mas, para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandára os seus servos por toda a Galiléa, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Septimo, tão soberano, destacára os seus soldados até á costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem por seu mando a Cesares. Errando, esmolando por tantas estradas, elle topara os servos de Obed, depois os legionarios de Septimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandalias rôtas, sem ter descoberto em que malta ou cidade, em que local ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde caia. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãi retomou o seu canto, a mãi mais vergada, mais abandonada. E então, o filhinho, n'um murmurio mais debil que o roçar d'uma aza, pediu á mãi que lhe trouxesse esse Rabbi, que amava as creancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãi apertou a cabeça esguedelhada :

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me metta aos caminhos, á procura do Rabbi da Galiléa? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areaes e colinas, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe, e a nossa dôr mora comnosco dentro d'estas paredes, e dentro d'ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A creança, com duas longas lagrimas na face magrinha, murmurou :

— Oh mãi! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galiléa, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casaes. Ninguem attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

D'entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a creança murmurou :

Mãi, eu queria vêr Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança :

— Aqui estou.»

O conde de Arnoso desenrolou este singelo conto em seis quadros, como seis telas compostas e desenhadas a primor, quer perpassem no palco, ante nossos olhos, quer as apreciemos no livro, que d'um e d'outro modo nos deliciam, como raras vezes acontece com este genero de litteratura.

O livro editado pela livraria Ferin é illustrado com desenhos dos quadros, scenas pintadas por Manini que não desmereceu de seus creditos de pintor scenographo.

São essas gravuras que estampamos hoje no OCCIDENTE, por amavel cedencia do sr. A. Ferin.

LOURENÇO MARQUES—PRAÇA 7 DE MARÇO

E' esta actualmente a praça principal de Lourenço Marques, e dizemos actualmente, porque, quando se venha a levar á pratica, completamente, o vasto projecto de arruamentos que está planeado e começado mesmo a executar, outras haverá melhores do que aquella de que trata a nossa gravura.

A praça 7 de Março está situada na parte central da cidade baixa, a mais antiga e coração de todo o movimento commercial e maritimo, e a pequenissima distancia do caes de desembarque e da Alfandega. N'ella se acham diversas agencias de navegação, succursaes de casas commerciaes extrangeiras, a secretaria do Governo do Districto e varios estabelecimentos importantes.

No meio d'ella vêem-se quatro kiosques destinados a restaurantes e venda de bebidas refrigerantes. Estes *bars* são os melhores de Lourenço Marques. Vê-se tambem ali um bom coreto de ferro, onde, ás vezes, toca a banda militar E' para lastimar, porem, que a Camara não tenha mandado aformoseal-a como merecia, e mesmo ajardinal-a, o que tornaria bastante mais agradavel aquella parte da cidade.

AVENIDA D. MANUEL

A avenida representada na nossa gravura é uma das que fazem parte do novo plano da cidade de Lourenço Marques, plano, na verdade, bastante vasto e que não poderá tão cedo ser completamente levado á pratica. No emtanto, já alguns dos arruamentos a elle subordinados se acham construidos e outros sómente esboçados Dos primeiros, é a Avenida D. Manuel uma das mais extensas, indo desde a Avenida Aguiar, no ponto em que esta se liga com a estrada que vae para a Ponta Vermelha, até ao quartel da policia. Não é das mais largas das novas ruas, mas, ainda assim, a sua largura não será inferior a 18 ou 20 metros, e, vista d'um dos extremos, produz magnifico effeito, sobretudo de noite, illuminada com as suas filas de lampadas electricas, como, de resto é a illuminação de toda a cidade e da Ponta Vermelha, desde 1899.

CLUB DE LOURENÇO MARQUES

Um dos edificios mais importanres de Lourenço Marques é o representado na nossa gravura e destinado ao Club.

Construido ha pouco mais de 2 annos, pois que

a sua inauguração foi em 1899, está situado na Avenida Aguiar e, não tendo bellezas archictonicas, é, no emtanto, bom e bem construido, sendo o ferro e o tijollo os principaes materiaes que n'elle entram

Para corresponder bem ao seu nome de Club falta-lhe, porém, possuir uma ou mais salas sufficientemente vastas para baile. Tem, pelo contrario, bastantes quartos, porque, na organisação d'este club, contava-se tambem dar-lhe um pouco a feição d'hotel.

Já alguns bailes teem n'elle tido logar, e, entre esses, um solemnisando a inauguração do edificio, ao qual assistiram o Governador Geral da Provincia, Conselheiro Alvaro Ferreira, o Governador do Districto, capitão de fragata Antonio José Machado e a melhor sociedade de Lourenço Marques

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 838)

Iris, de Mascagni, em 8 de fevereiro (10.ª recita de assignatura extraordinaria), por De-Lerma, Giaconia, Edoardo Garbin, De-Luca, Perelló, De-Genaro, Fiesoli; com bailados pela bailarina Cavini e corpo de baile. Repetiu-se em 11.ª recita de assignatura extraordinaria, em 9 de fevereiro.

Il Trovatore, de Verdi, em 10 de fevereiro, por Del-Frate, Mantelli, Amedei, Biel, Marino Aineto (e depois Stracciari), De-Genaro, Candella, Fiesoli, Coruccio.

La Traviata, de Verdi, em 14 de fevereiro, recita extraordinaria, fóra da assignatura, em homenagem á memoria do maestro Giuseppe Verdi, fallecido em 27 de janeiro do mesmo anno, por Darclée, Amedei, De-Marchi, Stracciari, De-Genaro, Tamanti, Candella, Fiesoli.

El Duo de la Africana, zarzuela de F. Caballero, em hespanhol, em 19 de fevereiro, terça feira gorda, recita extraordinaria fóra da assignatura, por De-Lerma, Martelli, Gaston, Biel, Perelló, Tamanti, Candella, Foutcuberta.

Pagliacci, de Leoncavallo, em 21 de fevereiro (13.ª recita de assignatura extraordinaria), festa artistica do tenor De-Marchi, por De-Lerma, Giaconia (no papel de Arlecchino), De-Marchi, Menotti, De-Luca, Candella, Fiesoli.

Fedora, de Giordano, em 23 de fevereiro (15.ª recita de assignatura extraordinaria), por Bellincioni, Martelli, Giaconia, Garbin, De-Luca, Perelló, Torres de Luna, Tamanti, De-Genaro, Candella, Fiesoli, Caleffi, Pini, Fatuo.

La Bohème, de Puccini, em 6 de março (18.ª recita de assignatura extraordinaria), festa artistica de Garbin, por Bellincioni, Martelli, Garbin, De-Luca, Stracciari, Torres, Tamanti, Candella, Fiesoli.

Sansone e Dalila, de Saint-Saëns, em 8 de março, por Mantelli, Ceppi, Stracciari, Torres, Tamanti, De-Genaro, Caleffi.

Cavalleria rusticana, de Mascagni, em 20 de março, recita extraordinaria fóra da assignatura, por Bellincioni, Giaconia, Amedei, Garbin, De-Luca.

La figlia del regimento, de Donizetti, em 20 de março, recita extraordinaria fóra da assignatura, por Bellincioni, Giaconia, Maini, Perelló, Tamanti, Candella, Fiesoli.

Em toda a epocha apenas se deu um *divertissement*, *A festa na aldeia*, de Angelo Estella, por Cavini e corpo de baile, dirigido pelo maestro Fatuo, em 19 de fevereiro, terca feira de entrudo.

Na epocha de 1900-1901 não houve assignatura supplementar para recitas de opera lyrica; mas a assignatura extraordinaria comprehendeu maior numero de recitas, como já dissemos. Houve, porém, uma assignatura para seis concertos, dos quaes se deram cinco de dia (em *matinées*, á 1 e 3 quartos da tarde) e um á noite.

Os preços d'estes concertos eram os seguintes:

	Assignatura por 6 concertos	Avulso cada concerto
Frizas	50$000 réis	12$000 réis
1.ª ordem	50$000 »	12$000 »
2.ª »	30$000 »	7$500 »
3.ª »	25$000 »	6$000 »
Fauteils	20$000 »	4$000 »
Plateia	5$000 »	1$200 »
Varandas	— »	400 »

A composição d'estes concertos foi a seguinte:

1.º concerto, em 27 de janeiro de 1901, de dia. — Tocou o violinista Jacques Thibaud, *o concerto em mi*, de Mendelssohn, *Caprice*, de Giraud, *romanza em fá*, de Beethoven, *Polonaise em fá*, de Wieniawsky.

A orchestra tocou: Abertura *Ruy Blas*, de Mendelssohn, *Arlésienne*, de Bizet, Abertura *Leonora*, de Beethoven, *Cavalcata* da opera *Walkyria*, de Wagner. Os coros cantaram a *preghiera* (voci sole) da opera *Muta di Portici*, de Auber; e Delfino Menotti cantou a scena final *Consagração do fogo* da opera *Walkyria*, de Wagner, com orchestra. Os acompanhamentos ao piano foram feitos pelo maestro Fatuo, e a orchestra dirigida pelo maestro Goula.

2.º concerto, em 3 de fevereiro, de dia.—Tocou o violinista Jacques Thibaud: *concerto em sol menor*, de Max Bruck; *Airs hongrois*, de Sarrasate; *Berceuse*, de Cesare Geloso; e *Airs russes*, de Wieniawsky. A orchestra executou: Abertura *Leonora*, de Beethoven: *Danse macabre*, de Saint-Saëns; abertura de *Cleopatra*, de Mancinelli; symphonia da opera *Guglielmo Tell*, de Rossini. Executou-se tambem o *Incantesimo*, da opera *Il rè di Lahore*, de Massenet, por Pallet, Torres de Luna, córos orchestra e banda. Dirigiu a orchestra o maestro Goula, e fez os acompanhamentos ao piano o maestro Fatuo.

3.º concerto, em 3 de março, de dia.—Deu-se a *Messa di requiem*, de Verdi, por Del-Frate, Mantelli, Palet, Perelló; cantaram nos coros Grassot, Giaconia, Amedei, Torres, Maini, De-Genaro, Candella, Fiesoli. Foram augmentados os córos e a orchestra n'este concerto. Dirigiu o maestro Goula.

4.º concerto, em 10 de março, de dia.—*Messa di requiem*, de Verdi.

5.º concerto, em 17 de março, de dia.—*La Resurrezzione di Lazaro*, oratoria de Lorenzo Perosi, por Grassot, Giaconia, Palet, Stracciari, Candella.

6.º concerto, em 19 de março, de noite; festa artistica do maestro Goula. — *La Resurrezzione di Lazaro*, de Perosi, e *Messa di requiem*, de Verdi.

Cantou-se nesta epocha, no 1.º concerto, um trecho (*preghiera* só com vozes) da bella opera que ha muito se não representa em S. Carlos, *La muta di Portici*, do maestro francez Auber.

O maestro francez Daniel François Auber nasceu em Caen, em 28 de janeiro de 1782, e falleceu em Paris, em 12 de maio de 1871.

Em 21 de janeiro de 1901, em beneficio do Instituto Ultramarino, deu-se a opera *Um ballo in maschera*, de Verdi; e tocou o violinista Jacques Thibaud: *concerto*, de Wieniawsky, e *introducção e rondó capricioso*, de Saint-Saëns.

Em 27 de janeiro esteve na friza n.º 22, assistindo á representação da *Carmen*, o principe D. Miguel Maximiliano de Bragança, neto do que foi rei D. Miguel I de Portugal.

Em 7 de fevereiro (9.ª recita de assignatura extraordinaria) festa artistica de Hariclée Darclée, deu se a opera *Tosca*, de Puccini, e o 5.º acto da opera *Fausto*, de Gounod, por Darclée, De-Marchi, Perelló.

Em 14 de fevereiro, recita extraordinaria fóra da assignatura, homenagem á memoria do maestro Verdi, fallecido em 27 de janeiro do mesmo anno, deu-se a opera *Traviata*, de Verdi, e o tercetto da opera *I Lombardi*, de Verdi, por Darclée, De Marchi e Torres de Luna, tocando o solo de violino o concertino da orchestra Nastrucci, em uma bella rebeca pertencente ao distincto violinista amador Henrique Sauvinet. A execução d'este tercetto foi magistral e despertou grande enthusiasmo. A orchestra tocou a symphonia da opera *I vespri siciliani*, de Verdi.

Em 15 de fevereiro (12.ª recita de assignatura extraordinaria), despedida de Hariclée Darclée, deu-se a opera *Tosca*, de Puccini. Depois da opera, a pedido do publico, deu-se o tercetto da opera *I Lombardi*, de Verdi.

Em 19 de fevereiro, terça feira gorda, recita extraordinaria fóra da assignatura, deu se a zarzuela *El duo de la Africana*, em hespanhol, de Caballero, e o *divertissement A festa na aldeia*, de Estella. Dirigiu a orchestra o maestro Goula e dirigiu a dança o maestro Fatuo. Depois da recita houve baile de mascaras.

Durante a audição d'esta recita, o publico fez um tal barulho de gaitinhas, tambores e vozearia, que foi completamente impossivel perceber qualquer trecho musical.

Não deixa de ser interessante recordar quanto pagaram os espectadores, para serem atordoados, ou deleitados (conforme o gosto de cada um) por tão medonho e infernal charivari, como o que se deu nesta noite no theatro de S. Carlos. Para isso e para estupefacção dos vindouros (se os houver de mais apurado gosto), aqui damos os preços para esta recita, que foram os mesmos da recita de terça feira de entrudo nos annos anteriores:

Frizas, para recita e baile de mascaras	30$000 reis
1.ª »	38$000 »
2.ª »	24$000 »
3.ª »	19$000 »
Torrinhas	13$000 »
Cadeiras, para a recita	1$500 »
Entrada para o baile de mascaras	1$000 »

Em 21 de fevereiro (13.ª recita de assignatura extraordinaria), festa artistica do tenor De-Marchi, deu-se a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo; cantou-se o tercetto da opera *Guglielmo Tell*, de Rossini, por De-Marchi, Menotti e Torres de Luna. A orchestra tocou a symphonia da opera *I vespri siciliani*, de Verdi, e a *Danse macabre*, de Saint Saëns. A execução do tercetto da opera *Guglielmo Tell* foi vergonhosa, incorrecta e sem colorido algum.

Nesta noite encontrou-se enforcado, suspenso no urdimento, sob o tecto da sala de espectaculos, o antigo carpinteiro do theatro José Maria. Parece que se tinha suicidado na antevespera.

Em 22 de fevereiro (14.ª recita de assignatura extraordinaria), despedida da dama De-Lerma, deu-se a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo, e o 3.º acto da opera *Gli Ugonotti*, de Meyerbeer, fazendo De-Lerma o papel de Valentina.

Em 25 de fevereiro, em beneficio do camaroteiro Parra, deu-se a opera *Il Trovatore*, de Verdi.

Em 26 de fevereiro (16.ª recita de assignatura extraordinaria), despedida de De-Marchi, deu-se a opera *Carmen*, de Bizet.

Em 5 de março (17.ª recita de assignatura extraordinaria), festa artistica de Eugenia Mantelli, deu-se a opera *Carmen*, de Bizet. Cantou Mantelli: a aria do pagem do 1.º acto da opera *Gli Ugonotti*, de Meyerbeer, e as romanzas: *Sans toi*, de Guy d'Ardelot e *Aime-moi*, de Dembert.

Em 6 de março (18.ª recita de assignatura extraordinaria), festa artistica de Garbin, deu-se a opera *La Bohème*, de Puccini.

Em 12 de março (19.ª recita de assignatura extraordinaria), festa artistica de Bellincioni, deu-se a opera *Fedora*, de Giordano.

No fim da opera, a pedido do publico, cantou Bellincioni tres canções hespanholas, acompanhando-se ella propria ao piano.

Em 15 de março (20.ª recita de assignatura extraordinaria), festa artistica de Menotti, deu-se a opera *Tosca*, de Puccini.

Em 21 de março, recita extraordinaria fóra da assignatura, grande gala pelo anniversario natalicio do principe real D. Luiz Filippe, que completava 14 annos (maioridade), deu-se a opera *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns. Foi a ultima recita da companhia lyrica.

A epocha de 1900-1901 foi irregular, como, de resto, teem sido quasi todas nos ultimos annos. O theatro, tendo quasi todos os camarotes e logares de plateia assignados, sendo paga adiantada a assignatura, e os assignantes supportando geralmente, salvo em raras occasiões de desabafo, todos os espectaculos que lhes apresentarem; e, por outro lado, o publico não concorrendo sufficientemente, como já vimos, ás recitas em que não hajam os assignantes do costume, faltava incentivo para as emprezas se interessarem na boa direcção e execução dos espectaculos; o que importava era dar as recitas obrigatorias das assignaturas; d'ahi resultou o desfilar vertiginoso d'essas recitas; era uma empreitada de que o emprezario tinha interesse em se vêr livre o mais depressa possivel.

Na epocha de 1900-1901 houve representações quasi todas as noites e ensaios quasi todos os dias; as operas, muitas vezes mal ensaiadas; os cantores, e principalmente os musicos da orchestra e os coros, estafados e aborrecidos; o proprio maestro, o abalisado e tão apreciado anteriormente pelo publico de S. Carlos, D. Juan Goula, não poude ter mão, muitas vezes, nos executantes; e elle proprio, cançado, aborrecido, parecia desinteressar-se ás vezes, principalmente do que se passava sobre o palco, a ponto de, muitas vezes, operas que, nas primeiras recitas em que subiam á scena, eram bem executadas, como, por exemplo, a *Carmen*, *Aida*, *Norma*, etc., depois deixavam sempre a desejar, parecendo em certas occasiões que desfilavam, sem serem guiadas pela batuta do notavel maestro que as dirigia, mas sim em deploravel anarchia. Outras, logo á primeira recita se manifestavam completamente faltas de tudo, como, por exemplo, *Roberto il diavolo*, *Ballo in maschera*, *Otello*, etc.

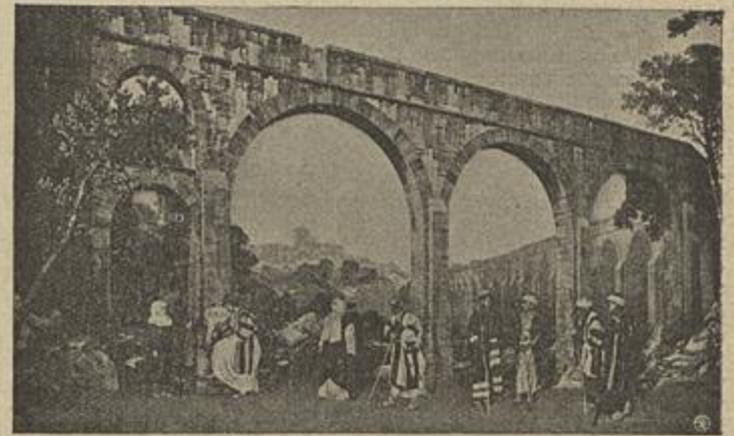
(Continúa)

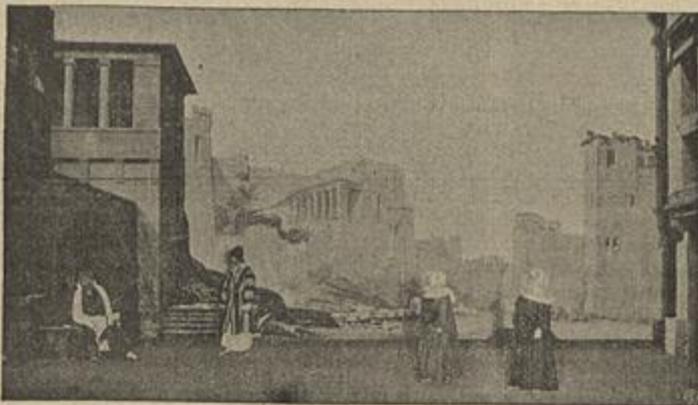
F. da Fonseca Benevides.

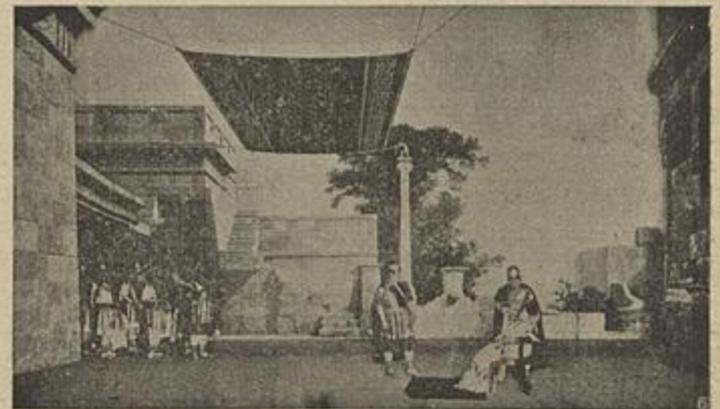
CONDE DE ARNOSO

ALBERTO D'OLIVEIRA

PROLOGO

Vimos contar-vos uma doce historia,
Um milagre suave e enternecedor,
Em que mais uma vez, Jesus deu a victoria
Ao pobre sobre o rico, e ao que é rico de amor
....

1.º QUADRO

Não acaba o mundo como tu dizias...
Como ha-de elle acabar,
Agora que nasceu um divino Messias
Que vem salvar o mundo e que vos vem salvar?
....

2.º QUADRO

Escuta, Senhor, cantam os milagres do novo Rabbi da Galiléa.
....

4.º QUADRO

Adeus p'ra sempre, meu noivo lindo!
Levae-lhe vós,
Aguias felizes, que ides fugindo,
O ultimo echo da minha voz!
....

5.º QUADRO

Ide, Romanos! Que o sol vos guie e vos perdoe!

6.º QUADRO

Aqui estou.

SUAVE MILAGRE

O FRASCO DE PRATA

POR

Eugène Berthoud

(Continuado do numere antecedente)

— Olhe, Emma, continuou o inglez, veja em mim tão sómente um irmão indulgente, um amigo sincero, abra me a sua alma... Não lhe quero com um affecto vulgar... tanto mais que o sacrificio está feito; meu peito não pode já ser ferido, que já deu todo seu sangue.

— Mas, exclamou a offendida, torcendo as mãos, que homem é, ou que mulher suppõe que eu sou? Pois tão triste opinião tem de mim, tão vil me julga, ou tão baixo cahida, para assim disfarçar minhas palavras e pensamentos?

Lord Weymouth olhava para ella cheio de angustia.

— Ah! se eu pudesse acredital-a!

Emma deixou cahir sobre o marido um olhar cheio de ternura misericordiosa.

— Pobre coração desconfiado! disse. Muito deve ter soffrido antes de chegar a esse abysmo de duvidas! Mas, em nome do céu, continuou, d'olhar scintillante e linda com a indignação; que sabe? que lhe disseram? que eu o engano? que gosto d'outro? Mas ninguem avança taes infamias sem provas... e provas... onde as tem?

Lord Weymouth levantou-se e poz-se em grandes passadas a percorrer a sala. Devia d'ir dentro d'elle um dolorosissimo combate.

LOURENÇO MARQUES — O Club

LOURENÇO MARQUES — Avenida de D. Manoel

Por fim, parou em frente da mulher e olhando-a demoradamente:

— Quer? perguntou.

— Exijo o.

— Bem. Deixe-se ficar, Conde, ajuntou, vendo que Octavio fizera um movimento para retirar-se. Não é de mais.

E apresentando o á mulher:

— O sr. Conde de Soubran, disse. Um amigo a quem confiei o principio do meu segredo. Desejo que tambem conheça o final.

Até então Lady Weymouth, absorta pelas differentes sensações que n'ella se haviam succedido, não dera attenção a Octavio. De repente deu pela presença d'elle e, lembrando-se de que um extranho havia assistido áquella scena conjugal, uma nevoa côr de rosa deslisou sobre a pallidez assetinada de suas faces.

Entretanto, depressa recuperou a serenidade, e, emquanto Octavio, cada vez mais atrapalhado, se curvava profundamente:

— Os amigos de meu marido, disse com reserva cheia de dignidade, teem direito a toda a minha estima. Seja muito bemvindo, senhor Conde.

Nada a sua physionomia, o que não deixou de desagradar a Octavio, nada indicou que ella o tivesse reconhecido. Mas, voltando-se para o marido:

— Fale, sr., disse. Não me faz medo a presença d'uma testemunha, e aqui me tem prompta a responder-lhe.

Lord Weymouth pegou nas mãos da mulher e disse-lhe cheio de doçura:

— Lembra-se, Emma, que nos primeiros tempos depois do nosso casamento, dei-lhe um objecto, sem duvida de quasi nenhum valor, mas que eu estimava muito, porque fôra de minha mãe?

A rapariga perturbou-se, e depois de hesitar ligeiramente, respondeu, córando:

— Um frasco de saes, de prata lavrada?... Lembro-me muito bem, Jorge.

— Diz-me que foi feito d'elle?

— Valha-me Deus!... Devo confessar-lhe... Esse frasco de que fala... quantas lagrimas me custou! Não ralhe comigo, Jorge; mas perdi-o! Não sei onde... Nunca me atrevi a confessar-lh'o, sabendo quanto o estimava. Mas, a que proposito?...

— Esse frasco... acheio o eu, disse Lord Weymouth.

— Achou! exclamou Emma, batendo palmas de contente. Ainda bem! Era tel-o perdido uma das minhas maiores penas.

— Achei-o em Fontainebleau, continuou o inglez, observando que effeito produziriam as suas palavras.

Octavio estremeceu.

— Em Fontainebleau? perguntou Emma, procurando ligar suas ideias. Effectivamente, lá passei alguns dias comsigo o anno passado.

— Engana-se, Emma, não foi o anno passado, mas ha dois annos, que deixou o frasco em Fontainebleau, e eu não estava lá.

— Como seria isso possivel? perguntou ella sorrindo. Bem sabe que fui o anno passado a Fontainebleau pela primeira vez,

— Está certa d'isso? perguntou Lord Weymouth.

— Certissima. Está-me falando por enigmas, Jorge.

— Vou-me então explicar mais claramente. No verão passado, ha de lembrar-se, estivemos na Aguia d'Oiro.

— Na Aguia d'Oiro, assim foi, pensou Octavio.

— Quando nos mostravam o quarto onde haviamos de ficar, ouvi uma criada dizer a outra: — Olha aquella senhora do anno passado... aquella que tinha o amante doente; dá lhe o frasco de que ella se esqueceu.

— Pois essa mulher mentia e espero que me não fizesse a injuria de o duvidar.

— Nenhuma importancia, é certo, dei primeiramente a estas palavras; mas, no dia seguinte, a tal mulher veiu ter comigo á escada e deu-me o frasco, pedindo que lh'o entregasse. Calcule o meu espanto, quando vi ser o que eu lhe tinha dado!

Emma soltou uma exclamação de surpreza e o seu rosto candido exprimiu a mais viva indignação.

Octavio, que esperava que ella empallidecesse, balbuciasse, procurasse qualquer subterfugio, achou-se completamente enganado.

— E não me disse nada! exclamou ella.

— Fiz mal. Devia tel-a procurado e pedir lhe uma explicação franca e leal. Tal foi, a minha primeira idea; mas, emquanto hesitava, emquanto essa mulher por cupidez me contava não sei que historia idiota do duello d'um rapaz, que a Emma parecia durante o dia não conhecer, mas que, todas as noites, furtivamente ia procurar ao quarto, lembrei-me de que, na epoca de que me falava, tendo ido cumprir uma missão em Hespanha, a tinha deixado em Paris só e senhora da sua vontade.

— E, disse Lady Weymouth com um sorriso desdenhoso, suppoz que durante esse tempo...

— Nada suppuz, Emma, nada pelo menos que a pudesse offender na sua honra. Pelo contrario, procurei pretextos para desculpar a leviandade do seu proceder. Esse rapaz era talvez um parente, talvez um amigo de infancia... Um sentimento sagrado impunha-lhe o dever de velar por elle... Mas, porque me havia de esconder tão cautelosamente e por tanto tempo essa viagem a Fontainebleau?

Lady Weymouth deixou escapar um gesto de impaciencia. A vergonha, a colera, a dignidade não reconhecida, encheram-lhe de sangue o rosto encantador.

— Repito-o mais uma vez: só comsigo estive em Fontainebleau.

A teima em negar a evidencia começou a irritar o inglez.

— Ah! exclamou dolorosamente. Sou um desgraçado. Depois de haver assistido á ruina da mi-

LOURENÇO MARQUES — Praça 7 de Março e Rua D. Luiz

nha felicidade, confiava na sua estima, na sua amizade; fiz quanto pude para conquistar sua confiança; não o consegui.

—Mas, exclamou ella com os olhos cheios de lagrimas, que quer que lhe eu confie? Não tenho segredo que não conheça, nem um só!

—Entretanto, Emma, desde ha um anno que a vejo cada dia mais pensativa, mais triste, mais taciturna...

—Pois tão frio o via sempre e tão sombrio, que julgava que me houvesse perdido todo o amor!

—Não seria a lucta na sua alma entre o dever e um amor peccaminoso? querer em vão arrancar pela raiz uma saudade antiga? Vamos, minha filha, conte-me tudo

—E' falso, Jorge! Só gosto d'um homem neste mundo, e é do Jorge!

—Então quem foi esse que velou durante quinze noites, durante a minha ausencia e ás escondidas?

—Não sei o que quer dizer. Pois assim, na fé d'uma criada de hospedaria, que talvez mentisse, ou que foi ludibriada por alguma extranha parecença, conservou, durante um anno, essas suspeitas que me ultrajam e o deshonram! Ah! Jorge! e diz que me quer!

—Mas o frasco, esse maldito frasco! Como explica que eu fosse achal-o em Fontainebleau!

—Não o explico. Vejo no facto uma extranha e desgraçada fatalidade, nada mais. E, além d'isso, será certo que esse frasco era o meu?

—Não ha erro possivel: a minha firma, o brazão da minha familia, o cinzelado raro e particular, não ha confusão possivel. Mas eu lh'o mostro, se o quer ver, e se, em seguida, me provar que não é o seu, esquecerei duvidas e suspeitas.

Lord Weymouth sahiu rapidamente.

Então o Conde de Soubran approximou-se de Lady Weymouth.

—Minha sr.ª, disse-lhe commovido, antes de deixar esta casa, para nunca mais aqui entrar, permitte-me que aproveite esta unica occasião para respeitosamente exprimir quanto lhe sou grato?

Lady Weymouth olhou para elle espantadissima.

—Levo comigo, continuou, um reconhecimento que só terminará com a minha vida e tambem o desgosto de haver sido involuntariamente a causa de perturbações n'um interior tão estreitamente unido.

Emma abriu muito os olhos, como quem não percebe.

—Prestes a separar-me para sempre, continuou Octavio, maldigo o acaso que nos juntou ha tempos no mesmo caminho: ha dois annos que sua imagem radiante a tenho constantemente ante meus olhos. Tive sonhos lindos, perdoe-me, minha sr.ª, julgava-a livre e atrevia-me, por pensamentos, a elevar-me até junto de si... Parte-se-me agora o coração, vendo que tenho de renunciar a tão doces chimeras.

Emma recuou assustada, pois julgava que Octavio estava doido.

—Offende a talvez este modo de falar. Só mais uma palavra, minha sr.ª; creia que é conselho d'um homem de bem, d'um amigo. Para que ha de negar a Lord Weymouth, a um marido senhor de *toda* a sua ternura, um facto cujas provas elle possue e que tarde ou cedo lhe ha de confessar? Diga-lhe a verdade, que até lhe faz honra. Até lá, poderá duvidar do seu amor, duvida que lhe pode empeçonhar a vida.

—Perdão, sr., interrompeu Emma. Sou talvez muito pouco intelligente; mas não percebo palavra do que está dizendo.

—Pois será possivel, disse Octavio com tristeza, que não me reconhecesse!

—Reconhecesse...! Pois não o vejo hoje pela primeira vez?

A vaidade do Conde recebeu um duro golpe; nem se lembrava da cara d'elle! Mordeu os beiços.

—Que me tivesse esquecido, disse com amargura, era natural. Que lhe era eu? um estrangeiro, um indifferente. Com uma bondade inexgotavel, a qualquer moribundo teria prodigalisado os cuidados de que me rodeou.

—Eu! disse ella rindo. Rodeei-o de cuidados.

—Como havia de esquecel-os!... Sua lembrança está para sempre ligada á de minha estada em Fontainebleau.

—Outra vez Fontainebleau! exclamou Lady Weymouth irritada! E' já teima! Seja, sr. ainda mais uma vez repito; nunca puz pé em Fontainebleau sem meu marido, nunca até hoje tinha visto o sr. Conde, não o conheço e peço-lhe que ponha ponto n'uma brincadeira de mão gosto que me aborrece e me offende.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

Altura pluviometrica, em Lisboa; desde 1880

Annos	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novemb.	Dezem.
	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm	mm
1880	11,3	84,1	73.9	81,6	54,5	27,6	—	10,4	6,0	151,2	98,0	69,7
1881	274,9	90,5	125,4	192,0	17,5	10,1	2,7	—	16,9	70,2	76.2	55.1
1882	5,5	68,4	21,3	58,0	75,8	8,4	17.2	0,5	19,4	81,6	30,5	144,5
1883	141,8	55,8	193,3	47,4	114.1	12,0	1,3	—	21,5	49,5	49,5	19,1
1884	49,2	152,3	149,8	214,5	3,9	0,3	7,8	0.4	49,2	30,6	8,4	44,0
1885	193,5	159 8	69,0	93,0	9,4	24,3	—	34,6	5.1	33,4	146,5	88,5
1886	97,3	57,6	121,7	98,8	73,0	33,1	0,2	—	22,9	107,0	66,0	121,7
1887	33,5	11,5	123,2	18,4	60,6	16,7	—	7.2	18,8	66,7	183,0	188,1
1888	37,4	47,1	145,4	30,6	24,6	17,0	12,7	13.8	38,3	78,8	182,8	150,4
1889	47,5	35,8	72.9	111,0	51.6	42,0	3,1	2,7	18,7	65,0	43,0	7,0
1890	33,4	42,9	109,2	93,5	72,6	0,4	—	0,7	19,2	3,0	8,3	155,9
1891	52,4	27.4	44,0	18,4	76,6	43,4	0,9	4,5	27,5	112.2	171.9	48,1
1892	127,3	140,9	161,0	91,6	46,8	37,8	0,3	3,9	24,4	98,3	58,8	96,8
1893	70,9	93,3	63,9	134,1	75,2	30,8	0,4	0.2	26,6	33,5	123,4	96.6
1894	100,8	22,9	68,9	128,2	18,1	4,9	2,0	0,7	10,6	157,4	109,9	42,4
1895	227,2	232,4	104,9	99,4	26,7	22,6	6,1	—	202,0	171,9	143,1	102,6
1896	12,7	65,7	40,5	17,6	11,8	26,4	1,1	15,5	2,0	73,5	43,4	195,2
1897	131,5	11,7	77,8	26,8	36,5	8,4	2,1	0,8	9,7	107,3	195,2	99,3
1898	58,1	14,9	43,6	33,0	58,6	20,3	2,0	—	26,9	70,6	139,5	10,8
1899	102,5	205,1	83,5	7,6	17,4	19,6	—	18,8	3,4	87,2	68,8	116,2
1900	50,4	152,7	37,3	95,2	128,9	4,9	0,2	46,2	11,4	20,0	65,6	73,3
1901	100,8	103,5	142,3	34,3	21,2	1,4	—	—	76,2	46,9	54,5	121,8

Media annual 745,mm4
Anno de maior chuva: 1895 — 1338mm,9
» menor » 1898 — 487,3

O Conde quedou-se pasmado e despeitado, pensando:

— Direi como o D. Basilio: quem é aqui o enganado?

Houve um momento de silencio.

Lady Weymouth, muito nervosa, batia pancadinhas no veludo da chaminé. Octavio furioso, pegou no chapéo e dispunha-se para sahir, quando o relogio bateu dez horas.

Lady Weymouth estremeceu e releu vivamente uma carta que até então distrahidamente estivera amachucando nas mãos.

Durante uns minutos a physionomia trahiu-lhe uma reflexão profunda; depois como se uma subita lembrança a alumiasse sorriu, e com um gesto obrigando o Conde a parar:

— Se bem percebi, disse, o sr. Conde é aquelle rapaz ferido de quem meu marido falava, ha pouco.

Octavio inclinou-se muito gravemente.

— E elle sabe-o!

— Ignora-o.

— Foi ha dois annos, em março, que esteve em Fontainebleau?

— Sim, minha senhora, em março.

— E a senhora que o tratou parecia-se muito comigo?

— Muito, disse o Conde ironicamente; não ha parecença assim.

— Quem sabe? Lembre-se bem. Não teria ella qualquer coisa na cara que eu não tenho na minha?

— Nada.

— Lembre-se bem... Esse meu fantasma não teria qualquer signalzinho particular... como se diz nos passaportes?

— Um signal! murmurou Octavio. Espere... effectivamente... parece-me...

Poz a mão nos olhos.

— Sim... pequenino...

— Aqui! ao cantinho da bocca no beiço de baixo! exclamou o Conde. E' verdade... agora me lembra...

Lady Weymonth deu um suspiro de allivio e cahiu n'uma poltrona a rir ás gargalhadas.

O inglez, que entrára, ficou petrificado ante aquella hilariedade insolita.

O Conde começou a comprehender, mas ainda duvidando.

— Quando estiver mais socegada, disse por fim Lord Weymonth de mau humor, faz-me o favor de examinar...

Emma pegou no frasco e logo tornou a dal-o ao marido.

— E', disse.

— Confessa pois...

— Que esse frasco é o meu... confesso.

— E esse homem .. esse rapaz de Fontanebleau...

— Era este sr.

(Continúa).

Alturas barometricas ao nivel do mar

	Maxima			Minima			Differença de nivel
	mm			mm			mm
Janeiro	780,9	em	1898	744.2	em	1892	36,7
Fevereiro	779,6	»	1889	734,4	»	»	45,2
Março	777,4	»	1901	730,8	»	1895	46,6
Abril	775,6	»	1900	743,2	»	1881	32,4
Maio	772,5	»	1887	742,6	»	1900	29,9
Junho	770.1	»	1886	753,6	»	1892	16,5
Julho	771,7	»	1885	758,4	»	1897	13,3
Agosto	769,6	»	1888	751,6	»	1885	18,0
Setembro	770,9	»	1897	751,6	»	1901	19,3
Outubro	773,2	»	1888	742,3	»	1896	30,9
Novembro	776,5	»	1888	743,8	»	1887	32,7
Dezembro	779,9	»	1880	740,8	»	1887	39,1

Differença maxima 46mm,6 em março
» minima 13mm,3 em julho

Nebulosidade e numero de dias de chuva e trovoada

	Dias							
	Bom tempo	Nublados	Encobertos	Chuvosos	Relampagos	Trovões	Trovoadas	Quant. de chuva Annual
1880	162	133	71	105	4	4	5	668,3
1881	161	128	76	144	8	5	2	931,5
1882	182	128	55	109	—	—	3	531,1
1883	190	116	59	109	3	2	5	645.3
1884	162	130	74	116	4	1	4	710,4
1885	144	102	119	147	2	—	5	854,1
1886	160	104	101	143	6	2	5	802,3
1887	175	122	68	115	10	6	8	727,7
1888	154	139	73	140	6	5	10	778,9
1889	176	113	76	105	5	1	—	500,3
1890	201	91	73	110	5	4	3	539,1
1891	166	120	79	124	1	4	5	697,3
1892	151	106	119	138	5	7	6	890,6
1893	137	139	89	118	11	11	9	748,6
1894	137	118	110	113	5	—	5	666,8
1895	121	133	111	161	—	4	8	1338,9
1896	222	74	80	84	—	1	1	505,4
1897	130	138	97	126	—	1	8	707,1
1898	176	143	46	90	7	9	6	478,3
1899	137	196	32	114	15	5	3	730,
1900	167	171	27	140	13	11	3	686,
1901	184	153	28	114	3	4	1	702,

Analyse meteorologica summaria dos annos 1880-1901

1880

Janeiro. Frios persistentes de 1 a 15 e de 24 a 30, embora a temperatura não descesse muito abaixo do normal. As chuvas foram muito escassas, o que influiu na pressão, a qual se conservou alta.

Fevereiro. Muito chuvoso, e relativamente quente, sobretudo os ultimos dias do mez. As

chuvas mais abundantes foram em 9 e 17 (22^{mm},7 e 20^{mm},2).

Março. Debutou com um tempo primaveril, o qual se manteve em todo o mez, excepto no pediodo de 24 a 28, em que chuvas torrenciaes inunraram a capital. (Em 24, 41^{mm},8 e 26, 20^{mm},5).

Abril. Muito irregular, com temperatura baixa, notando-se chuvas frequentes de 10 a 14, mas não abundantes.

Maio. A inconstancia do tempo notada no mez antecedente, persistiu durante a primeira quinzena de maio e parte da segunda. A partir de 20, houve alta importante na temperatura, que attingiu, em 24, um maximo de 28°,4.

Junho. Temperatura moderada em todo o mez, com um maximo muito fraco. Os minimos thermometricos foram quasi todos inferiores a 14°. Alguns dias de chuva, sendo o mais notavel em 18 (22^{mm},4).

Julho. O mez de julho d'este anno meteorologico foi o mais fresco conhecido em Lisboa. Durante as noutes, sobretudo até 18, chegou-se mesmo a notar fresco muito sensivel, visto que a temperatura desceu quasi todos os dias abaixo de 15°, e até 12,°8, em 13, a minima thermometrica conhecida n'este mez. Não foram observadas temperaturas superiores a 28°,1. Ausencia de chuva.

Agosto. Mez excessivamente temperado, com um unico dia de maxima, superior a 30°. Algumas chuvas de 20 a 25, mas pouco persistentes.

Setembro. Um pouco mais quente do que os precedentes. E' facto quasi certissimo que, quando o verão é demasiado benigno, este mez e o seguinte, são mais quentes do que o normal. Mais uma vez foi notado esse phenomeno. Com effeito, foram registadas, durante dois dias, temperaturas acima de 30°. A chuva foi escassa, embora acompanhada de trovoada.

Outubro Calor um pouco fóra do normal em 1 e 2 (max. 27°,9 e 26°,8), e em todo o mez, o thermometro nunca desceu abaixo de 12° (superior á normalidade). Trovoadas seguidas de chuvas torrenciaes de 2 a 7, e em 11 e 27. Em 28, a altura pluviometrica attingiu 78^{mm},3, altura pouco vulgar, mas com precedentes. Durante o mez, a altura barometrica conservou-se baixa.

Novembro. Persistiu a normalidade, com relação á temperatura, visto que esta baixou gradualmente em todo o mez. Algumas chuvas notaveis, sobretudo em 2, 16, 18 e 22 (13^{mm},6, 21^{mm},6, 11,^{mm}5 e 18^{mm},1).

Dezembro. Atmosphera limpida e clara até 11, sem que uma nuvem a perturbasse. Em virtude d'este phenomeno, a pressão attingiu uma altura acima do normal. Uma pequena depressão foi notada a partir de 12, com chuvas em 16 e 17, e temperatura baixa, e de 22 a 28 com grandes aguaceiros e temperatura acima do normal, visto que o thermometro accusou n'estes dias, maximas superiores a 16°, e minimas superiores a 12°,5.

1881

Janeiro. Tempo explendido e frio até 8, seguido de um periodo extremamente chuvoso até no fim do mez. Chuvas notaveis em 13, 41^{mm},0 em 21, 79^{mm},8 (maxima altura pluviometrica, observada em Lisboa), em 23, 30^{mm},1 em 25, 18^{mm},5 e 29, 13^{mm},3. Motivado por este facto, o thermometro subiu acima de 16°, nos dias 11, 15, 17, 27, 28 e 31. Foi o janeiro mais chuvoso, até 1900.

Fevereiro. A chuva persistiu em todo o mez, com temperaturas baixas. Em 3, foram recolhidos no pluviometro 14^{mm},6 de agua, em 14, 26^{mm},8 e em 19, 26^{mm},0.

Março Temperatura relativamente alta e chuvas frequentes, durante todo o mez. Se exceptuarmos o dia 1, em todos os demais, a temperatura subiu acima de 15°.

Abril. Chuvoso até 20. (Em 1, 13^{mm},2 em 2, 14^{mm},6 em 3, 11^{mm},5 em 4, 16^{mm},7 em 5, 18^{mm},0 em 16, 44^{mm},1 em 17, 30^{mm},6 e 18, 13^{mm},0. N'estes ultimos dias, rebentaram trovoadas na capital, sob um regimen de baixas pressões. A partir de 20, foi sensivel a alta thermometrica, acompanhada de bom tempo.

Maio. Formosa a primeira decada de maio com grandes calores. O bom tempo foi apenas perturbado por duas pequenas depressões: de 11 a 15 e em 24 e 25.

Junho. Temperatura muito supportavel em todo o mez, com um maximo, inferior ao normal. Chuva pouco sensivel, com trovões, em 3.

Julho. A primeira quadra de calores soffucantes foi notada em 10 e 11 de julho, á qual se seguiu uma pequena trovoada que não conseguiu refrescar o tempo, visto que os calores persistiram, de novo, a partir de 14. Nova trovoada em 17, com chuvas até 20, e moderação do calor. Novamente, quente a partir de 22, até 31.

Agosto. Calores tropicaes até 18, com vinte dias, quasi que consecutivos, de temperatura superior a 30°, facto anormal no nosso clima.

Setembro. Calor anormal em 1 e 2 (max.: 29°,4 e 31°,6) e em 16 (max.: 32°,2). Foi notoria a falta de trovoadas n'este mez, em geral, frequentes

Outubro. Muito fresco mas chuvoso. Uma trovoada em 21, deu, no pluviometro, 22^{mm},7, continuando a chuva até 28, com temperatura abaixo do normal.

Novembro. Abafadiço e quente de 4 a 7, com maximas respectivamente eguaes a 22°,8, 21°,1, 22°,3 e 21°,8, sendo a primeira, uma das mais altas observadas n'este mez. Resfriamento subito de 29 para 30, (min. 4°,5) com tempo nublado e chuvas e pressões altas

Dezembro. Muito chuvoso e frio, sobretudo até 22. A partir d'este dia, começou o regimen de bom tempo, com minimas inferiores a 5°. Terminou o anno, com um dia de chuva notavel (14^{mm},0).

(Continua).

Antonio A. O. Machado.

METEOROLOGIA

Abril de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	756,2	15,5-10,2	Nublado	E	0,0
12	756,8	16,3-10,4	»	S	1,a
13	753,0	17,4-12,0	»	SSW	22,0
14	752,1	17,0-11,9	»	E	4,0
15	760,1	16,0-10,8	»	NNW	0,7
16	762,8	16,6-10,8	»	»	0,2
17	765,4	17,8-10,7	P. Nublado	»	0,0
18	764,5	15,8-11,9	Encob.	S	0,0
19	763,3	17,8-13,0	P. Nublado	SW	4,5
20	767,0	18,2-12,6	Nublado	SSE	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Durante a dezena, predominou em Lisboa assim como em todo o reino, um tempo sombrio e inconstante, entremeiado com algumas chuvas. A temperatura foi, em toda a dezena, muito approximada da normal—Uma depressão approximouse, em 12, da nossa costa, produzindo chuvas torrenciaes, sobretudo no Algarve (Lagos 45^{mm},0 — Faro 30^{mm},0 — Campo Maior 24^{mm},0).

Em alguns pontos do reino, o frio accentuouse bastante, chegando o thermometro, na Serra da Estrella, a baixar até 1° (acima de zero) e a 4°, em Evora.

Recebemos e agradecemos:

O 1.º de Dezembro de 1640 — *Sessão commemorativa do 1.º de dezembro de 1901 — Retrospecto historico e critico pelo socio benemerito Dr. B. T. de M. Leite Velho — Rio de Janeiro 1901.*

Este estudo historico foi lido pelo seu illustrado auctor na commemoração com que o Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro solemnisou patrioticamente em 1 de dezembro de 1901 a restauração de Portugal em 1640.

E' devéras consolador vêr como o espirito patriotico se revela nobremente, accordando nos corações dos filhos a lembrança saudosa da mãe patria. Mas ainda mais desvanece o natural orgulho verificar que tambem o seu espirito communga n'esse amôr, permittindo-lhes elaborar juizos claros e dignos.

A luminosa critica que o sr. dr. Leite Velho poz no seu retrospecto da historia de Portugal, estudando-a a par da de outros paizes n'ella interessados, mostra bem a notavel justeza das suas apreciações esmaltadas em tão instructiva synthese.

Fechando a sua oração declara o auctor que a commemoração do 1.º de dezembro não é nem fatuidade, nem offensa, mas sim uma recordação, uma licção e um protesto.

O contrario só o entendem os sentimentalistas ou pusillanimes, fazedores de phrases da fraternidade desmentidas a cada hora pela realidade, que reprovam ou motejam a commemoração d'esta data. Receiam melindrar os brios da Hespanha, talvez, e querem que Portugal seja o unico paiz do mundo que tenha a cobardia de não celebrar a data em que proclamou a sua independencia.

Autodidactica *por Giuseppe Salerno — Versão do original italiano, annotada pelo prof. Arlindo Varela — Livraria de Avellar Machado — Lisboa. 1901.*

Este voluminho é o segundo da Bibliotheca Pedagogica, ha pouco iniciada pelo distincto professor sr. Arlindo Varella, um nome bem conhecido por outros trabalhos adoptados nas escolas primarias.

Autodidactica, ou instrucção por si mesmo, é um interessante capitulo da educação, pelo qual o professor obtem dos discipulos maior somma de sentimentos, pensamentos, ditos e factos, espontaneos e livres.

Educar não é construir uma machina ou manejar um autómato, imprimindo á creança o nosso impulso ou transfundindo n'ella o nosso pensar e sentir; é, sim, despertar na sua alma a consciencia da sua personalidade a fim de que por si mesma desenvolva e traga á maturidade os germens de vida n'ella encerrados.

Bello serviço presta, pois, á educação nacional o sr. Arlindo Varella divulgando os trabalhos pedagogicos mais notaveis. Este da *autodidactica*, embora impiricamente já fosse seguido tal preceito por alguns dos nossos professores mais intelligentes, tem no voluminho bem esclarecida a definição e indicados os meios e os fins que lhe dão fóros de sciencia.

As leis de imprensa — *Memoria offerecida ao ex.mo sr. conselheiro Bernardino Machado por A. Xavier da Silva Pereira — Imprensa da Universidade — Coimbra 1901.*

O nosso mallogrado amigo e chorado collega sr. A. Xavier da Silva Pereira tinha publicado na revista *O Instituto*, de Coimbra, a sua interessante conferencia sobre leis de imprensa realisada em tempo na Associação dos Jornalistas, e d'ella nos offerecera uma *separata*, nitidamente impressa em papel de linho, com uma amavel dedicatoria, reveladora da sua muita sympathia por esta revista, que tantas vezes distinguiu com a sua apreciada collaboração.

A historia da legislação da imprensa periodica em Portugal não deixa de ser curiosa e n'esta sua memoria Silva Pereira colligiu varios topicos a esse respeito, extrahidos da que precede a sua importante obra *Diccionario Jornalistico Portuguez*, que se guarda na Academia Real das Sciencias esperando a devida homenagem da impressão, como é de inteira justiça.

A publicação d'este escripto, dedicado ao sr. conselheiro Bernardino Machado, na excellente revista conimbricense, obedeceu ao nobilissimo intuito do auctor corresponder de algum modo á honra que lhe havia sido conferida pelo *Instituto* nomeando-o seu socio correspondente. Já acabrunhado pela doença que o victimou, ainda o illustrado escriptor não quiz deixar de justificar plenamente quão merecedor era da distincção que recebera.

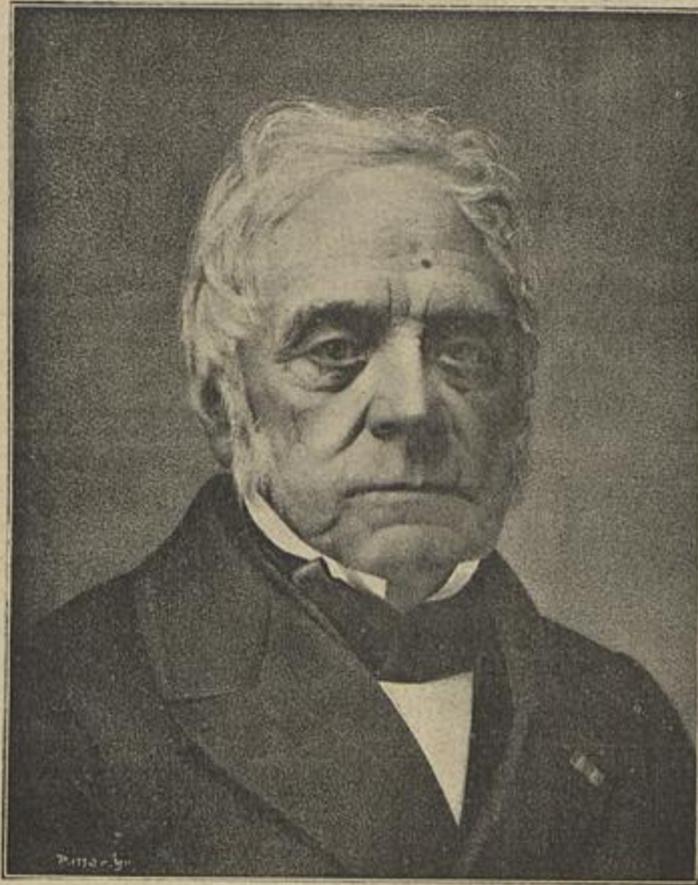
Auroras d'alma *(O poema d'um seminarista) — Braga, 1902.*

Não traz nome de auctor este pequenino livro, nitidamente impresso na typographia Universal, da praça do barão de S. Martinho, de Braga, mas por uma nota a paginas IX do *Anteloquio* declara-se que algumas das composições que formam o presente volume viram já a luz da publicidade jornalistica, sob o pseudonymo de *Oscar Luzo*.

Litterariamente não tinha necessidade o auctor de permanecer occulto pela mascara do pseudonymo, pois a critica não deixaria de lhe render o merecido incitamento. Alumno de um seminario não lhe ficava bem a publicação ostensiva de versos que podem lembrar fragilidades da juventude. Insurgindo-se, todavia, escreve o poeta na alludida introducção:

«Mas nunca o pavor de menos gloriosas reputações me reteve a manifestação de quaesquer sentimentalidades; e é por isso que, não só não receio perturbar a sonsa e lethargirante monotonia da vida seminaristica com os lyrismos estroinas dos meus vinte annos, mas é até com o maior prazer que, áquelles que, fiando-se de doiradas apparencias, me julgassem angelicalmente inaccessivel ás seducções de um ideal ephemero, offereço... um punhado de desillusões (Se bem que as acriminiosas transigencias do orgulho turvem a animosidade complacente e amoravel do offerecimento...)»

O livrinho encerra oito composições poeticas, cujos titulos são os seguintes: Visão — Saudade

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

MAESTRO FRANÇOIS AUBER

— Ideal (reflexos mysticos da innocencia) — Sorrisos — O adeus á illusão (Ultimos sorrisos) — O cantico da Esperança — Estrella polar — Aos pés da cruz.

Um livro — *Versos de Vasconcellos e Sá — Typographia da Cooperativa Militar — Lisboa, 1901.*

Abre este livro de versos com um preambulo do illustre escriptor sr. Fernandes Costa, que fez a apresentação do auctor, um moço poeta, que conta vinte annos, e que ora fez a sua estreia. D'esse elegante preambulo destacaremos, com a devida venia, os primeiros e ultimo periodos, que attestam o valor do livro e d'elle dão justa idéa:

«Os versos que vão lêr se são as primicias de um talento litterario que desabrocha, e ao mesmo tempo as expansões naturaes de uma alma juvenil, para quem a mocidade, o amor, as alegrias do viver, são a fonte e a inspiração dos seus modestos e adoraveis cantos.

Livro despretencioso, — a que nem quasi se póde chamar livro, pois apenas se atreve a ser uma resumida *plaquette*, um ligeiro punhado de rimas, — não ha nas suas paginas a minima preoccupação de litteratura, de escola, de systema. É um cantar natural, espontaneo, como póde ser o de uma ave dos bosques, em tépida manhã de maio, festejando a primavera.

. . . .

Não tinha necessidade de recommendação alheia, quem tão garbosamente se faz recommendar pelos merecimentos proprios; mas a nossa escusa, por mais justificada que fosse pela inutilidade da apresentação, poderia parecer menos admiração e menos estima pelo nosso talentoso e novel confrade, o que seria negar uma e outra a quem, de facto, tanta nos merece.

Cumprida, portanto, a vontade do poeta, o apresentante retira-se.

Das composições que formam o livro do sr. Vasconcellos e Sá recortamos ao acaso o seguinte soneto, que nos pinta graciosamente um arrufo de namorado:

AO RELENTO

Corrêra as persianas mal comigo
N'um gesto de histerismo arrebatado
E fiquei só, na rua, de castigo
Por lhe ter dito mal do penteado.

Encostei-me ás hombreiras da janella
Aguardando bem triste a sua vinda.
Pensando n'este amor, pensando n'ella...
Desejando fallar-lhe e vel-a ainda.

Voltou, junto ás vidraças, mansamente;
Brincava-lhe no rosto sorridente
A feliz expressão de quem namora.

«Quer falar me?» Bradei com desespero;
«Pois, agora sou eu que já não quero.»
E tirei-lhe o chapeo e fui-me embora.

Vasconcellos e Sá.

Erratas do n.º 838

Referente ao artigo G. Marconi

Na linha 60, pag. 79, onde se lê: pilha P, leia-se pilha E.

Na linha 3, onde se lê: electro-iman E, leia-se electro-iman *h*.

A lettra R (relais) refere-se ao ponto da figura onde não existe lettra nenhuma, na parte inferior da gravura.